
EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Filosofia

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 714/1.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2014

VERSÃO 2

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

A prova inclui uma tabela de símbolos lógicos.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. Considere as frases seguintes.

1. As baleias são peixes.
2. As baleias não são peixes.
3. As baleias são peixes?
4. Ensinar a pescar, em vez de dar o peixe.

Selecione a opção correta.

- (A) As frases 1 e 2 exprimem proposições; as frases 3 e 4 não exprimem proposições.
- (B) As frases 1, 2 e 4 exprimem proposições; a frase 3 não exprime uma proposição.
- (C) As frases 1 e 3 exprimem proposições; as frases 2 e 4 não exprimem proposições.
- (D) A frase 1 exprime uma proposição; as frases 2, 3 e 4 não exprimem proposições.

2. «Cada pessoa tem a sua opinião, como se vê nos debates televisivos, em que nunca se chega a um acordo. Por isso, não podemos negar que a verdade é relativa, pois haveria consenso entre as pessoas se a verdade fosse absoluta.»

O texto anterior exprime um argumento cujas premissas são:

- (A) Quando discutem, as pessoas deveriam chegar a um acordo; não devemos procurar uma verdade absoluta.
- (B) Se a verdade fosse absoluta, haveria consenso entre as pessoas; não há consenso entre as pessoas.
- (C) Cada pessoa tem a sua opinião, como se vê nos debates; não podemos negar que a verdade é relativa.
- (D) Os debates televisivos são inúteis, porque não se chega a um consenso; a verdade não é absoluta.

3. «É impossível provar que os animais têm consciência. Portanto, temos de admitir que não têm.»

O argumento anterior é

- (A) um caso de apelo à ignorância.
- (B) indutivamente forte.
- (C) um caso de derrapagem.
- (D) dedutivamente válido.

4. «Ou o bombeiro que arriscou a vida para salvar a criança presa no incêndio não se deu conta de que ele próprio estava a correr perigo, ou a criança era da sua família.»

Argumentar a partir da premissa anterior é incorrer na falácia seguinte.

- (A) Petição de princípio.
- (B) Derrapagem.
- (C) Falso dilema.
- (D) Boneco de palha.

5. Indique a opção que contém uma falácia *ad hominem*.

- (A) A testemunha não se exprime claramente, pois não se compreende bem o que diz.
- (B) Não interessa o que a testemunha diz, pois não passa de uma pessoa vaidosa.
- (C) A testemunha pode estar a mentir, pois já antes mentiu em tribunal.
- (D) Não interessa o que a testemunha diz a favor do acusado, pois ela é mulher dele.

6. Considere o texto seguinte.

«Compare estes dois casos:

- 1) Uma pessoa pega numa arma, aponta cuidadosamente para o alvo, puxa o gatilho e dispara.
- 2) A pessoa chega a casa e põe a arma sobre a mesa. Enquanto o faz, a arma inesperadamente dispara. Ora, partindo da nossa distinção intuitiva entre ações e acontecimentos, concordaríamos, espero, que disparar a arma, no primeiro exemplo, foi uma ação, enquanto, no segundo, o tiro foi um acontecimento.»

C. Moya, *The Philosophy of Action: An introduction*, Cambridge, Polity Press, 1990, p. 12 (adaptado)

De acordo com o texto, as ações distinguem-se dos acontecimentos na medida em que

- (A) as ações envolvem um agente, mas não têm intenções como causas.
- (B) as ações não têm intenções como causas, nem envolvem um agente.
- (C) as ações têm intenções como causas, mas não envolvem um agente.
- (D) as ações envolvem um agente e têm intenções como causas.

7. Considere as afirmações seguintes.

- 1. Os valores dependem apenas da educação que se teve.
- 2. Os juízos de valor de pessoas diferentes não podem coincidir.
- 3. Os valores são uma questão de preferências pessoais.

Acerca dos valores, os subjetivistas consideram que

- (A) 1 é falsa; 2 e 3 são verdadeiras.
- (B) 1 e 2 são verdadeiras; 3 é falsa.
- (C) 1 e 2 são falsas; 3 é verdadeira.
- (D) 1 é verdadeira; 2 e 3 são falsas.

8. Segundo Rawls, os princípios da justiça por si apresentados
- (A) proíbem diferenças entre os indivíduos.
 - (B) são aqueles que os indivíduos escolheriam sem o véu de ignorância.
 - (C) são aqueles que indivíduos racionais escolheriam na posição original.
 - (D) asseguram a igualdade económica e social.
9. De acordo com a definição tradicional de conhecimento,
- (A) nenhuma crença pode ser justificada pela experiência.
 - (B) algumas crenças verdadeiras não são conhecimento.
 - (C) algum conhecimento não é verdadeiro.
 - (D) nenhum conhecimento pode ser crença.
10. Segundo Popper, o método científico começa por
- (A) observações.
 - (B) experiências.
 - (C) generalizações.
 - (D) problemas.

GRUPO II

O Grupo II apresenta dois percursos:
Percurso A – Lógica Aristotélica – e Percurso B – Lógica Proposicional.
Responda apenas aos dois itens de um dos percursos.

PERCURSO A

1. A. Complete o enunciado seguinte, escrevendo a premissa em falta, de modo a construir um silogismo válido.

Alguns crentes são religiosos.

Logo, há pecadores religiosos.

Escreva o silogismo completo na forma padrão.

2. A. Identifique a falácia silogística presente no argumento seguinte.

Nem sempre quem é inteligente é bondoso.

Os cientistas são pessoas inteligentes.

Logo, alguns cientistas não são bondosos.

Apresente a justificação completa da sua resposta.

PERCURSO B

1. B. Complete o enunciado seguinte, escrevendo a premissa em falta, de modo a construir um argumento válido.

Ao completar o enunciado, aplique uma das formas de inferência válida estudadas.

O Tiago é jornalista ou não usa microfone.

Logo, o Tiago não usa microfone.

Identifique a forma de inferência válida aplicada.

2. B. Admitindo que a proposição «A Joana está sentada» é verdadeira, será possível determinar o valor de verdade da proposição seguinte?

Se a Joana não está sentada, então está a correr.

Apresente a justificação completa da sua resposta.

GRUPO III

1. Leia o texto seguinte.

É difícil não pensar que temos livre-arbítrio. Quando estamos a decidir o que fazer, a escolha parece inteiramente nossa. A sensação interior de liberdade é tão poderosa que podemos ser incapazes de abandonar a ideia de livre-arbítrio, por muito fortes que sejam as provas da sua inexistência.

E, obviamente, existem bastantes provas de que não há livre-arbítrio. Quanto mais aprendemos sobre as causas do comportamento humano, menos provável parece que escolhamos livremente as nossas ações.

J. Rachels, *Problemas da Filosofia*, Lisboa, Gradiva, 2009, p. 182

- 1.1. Como explicam os deterministas radicais a «sensação interior de liberdade» referida no texto?

- 1.2. Apresente uma objeção ao determinismo radical.

2. Leia o texto seguinte.

O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera [...]. Nada senão a *representação da lei* em si mesma, que *em verdade só no ser racional se realiza*, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode constituir o bem excelente a que chamamos moral, o qual se encontra já presente na própria pessoa que age segundo esta lei, mas não se deve esperar somente do efeito da ação.

I. Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 31-32 (adaptado)

Compare, a partir do texto, a perspetiva de Kant com a de Mill relativamente àquilo que determina o valor moral da ação.

GRUPO IV

1. Leia o texto seguinte.

Em suma, todos os materiais do pensamento são derivados do nosso sentimento externo e interno. Apenas a mistura e a composição destes materiais competem à mente e à vontade. Ou, para me expressar em linguagem filosófica, todas as nossas ideias ou percepções mais fracas são cópias das nossas impressões, ou percepções mais vívidas.

[...] Se acontecer, devido a algum defeito orgânico, que uma pessoa seja incapaz de experimentar alguma espécie de sensação, verificamos sempre que ela é igualmente incapaz de conceber as ideias correspondentes. Um cego não pode ter a noção das cores, nem um surdo dos sons. Restitua-se a qualquer um deles aquele sentido em que é deficiente e, ao abrir-se essa nova entrada para as suas sensações, abrir-se-á também uma entrada para as ideias, e ele deixará de ter qualquer dificuldade em conceber esses objetos.

D. Hume, *Investigação sobre o Entendimento Humano*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, pp. 35-36 (adaptado)

1.1. Explícite as razões usadas no texto para defender que a origem de todas as nossas ideias reside nas impressões dos sentidos.

1.2. Concordaria Descartes com a tese segundo a qual «todas as nossas ideias [...] são cópias das nossas impressões»?

Justifique a sua resposta.

2. Leia o texto seguinte.

Podemos ter de renunciar à noção, explícita ou implícita, de que as mudanças de paradigma aproximam os cientistas, e os que com eles aprendem, cada vez mais da verdade.

T. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Lisboa, Guerra & Paz, 2009, p. 230

Concorda com a perspetiva de Kuhn expressa no texto? Justifique a sua resposta.

Na sua resposta, deve:

- identificar o problema discutido;
- apresentar inequivocamente a sua posição;
- argumentar a favor da sua posição.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	5 pontos
2.	5 pontos
3.	5 pontos
4.	5 pontos
5.	5 pontos
6.	5 pontos
7.	5 pontos
8.	5 pontos
9.	5 pontos
10.	5 pontos
	<hr/>
	50 pontos

GRUPO II

1. (A ou B)	15 pontos
2. (A ou B)	15 pontos
	<hr/>
	30 pontos

GRUPO III

1.	
1.1.	15 pontos
1.2.	15 pontos
2.	25 pontos
	<hr/>
	55 pontos

GRUPO IV

1.	
1.1.	20 pontos
1.2.	15 pontos
2.	30 pontos
	<hr/>
	65 pontos

TOTAL **200 pontos**

TABELA DE SÍMBOLOS LÓGICOS

NOME	SÍMBOLO ADOTADO	EXEMPLO	ALTERNATIVAS
Letras proposicionais	P, Q, R, \dots	P	A, B, C, \dots p, q, r, \dots
Negação	\neg	$\neg P$	$\sim P$ \bar{P}
Conjunção	\wedge	$P \wedge Q$	$P \& Q$ $P \cdot Q$
Disjunção	\vee	$P \vee Q$	PQ $P + Q$
Condicional	\rightarrow	$P \rightarrow Q$	$P \supset Q$ $P \Rightarrow Q$
Bicondicional	\leftrightarrow	$P \leftrightarrow Q$	$P \equiv Q$ $P \Leftrightarrow Q$ $P \rightleftarrows Q$
Sinal de conclusão	\therefore	$\frac{P \wedge Q}{\therefore P}$	$\frac{P \wedge Q}{P}$ $P \wedge Q \therefore P$
Parêntesis	$(,)$	$(P \wedge Q) \vee P$	$[,]$ $\{, \}$